



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**KAREN NOEME DE SOUSA GALDINO**

**AGRICULTURA FAMILIAR E MODO DE VIDA CAMPONÊS: práticas  
e desafios no Sítio Mata dos Galdinos em São João do Rio do Peixe-PB**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2024**

**KAREN NOEME DE SOUSA GALDINO**

**AGRICULTURA FAMILIAR E MODO DE VIDA CAMPONÊS: práticas  
e desafios no Sítio Mata dos Galdinos em São João do Rio do Peixe-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em  
Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia do  
Centro de Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande.

**Orientadora:** Professora Dr.<sup>a</sup> Mara Edilara  
Batista de Oliveira

**CAJAZEIRAS-PB**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

G149a Galdino, Karen Noeme de Sousa.  
Agricultura familiar e modo de vida camponês: práticas e desafios no Sítio Mata dos Galdinos em São João do Rio do Peixe - PB / Karen Noeme de Sousa Galdino. – Cajazeiras, 2024.  
54f. : il. Color.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira.  
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2024.

1. Agricultura familiar. 2. Técnicas de agricultura familiar. 3. Sítio Mata dos Galdinos - São João do Rio do Peixe - Município - Paraíba. 4. Sustentabilidade. 5. Campesinato. 6. Comunidade rural - Desenvolvimento. I. Oliveira, Mara Edilara Batista de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 631.1.017.3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

KAREN NOEME DE SOUSA GALDINO

**AGRICULTURA FAMILIAR E MODO DE VIDA CAMPONÊS: PRÁTICAS E DESAFIOS NO SÍTIO MATA DOS GALDINOS EM SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE, PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia (UNAGEO), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB.

**Orientador (a):** Professora Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira.

TCC aprovado em: 15/07/2024


**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira (UNAGEO/CPF/UFCG)  
Orientador(a)



\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Marcos Assis Pereira de Souza (UNAGEO/CPF/UFCG)  
Examinador 1

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos (UNAGEO/CPF/UFCG)  
Examinador 2

Santiago  
Andrade  
Vasconcelos

Assinado de forma digital  
por Santiago Andrade  
Vasconcelos  
Dados: 2024.07.17  
17:41:20 -03'00'  
Versão do Adobe Acrobat  
Reader: 2024.002.20895

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a conclusão dessa etapa da minha vida aos meus pais e a minha irmã que sempre me apoiaram e me deram força para continuar essa jornada.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que iluminou meus passos nessa caminhada árdua, aos meus pais, Antônia Vicente e José Galdino, e principalmente a minha irmã mais nova, Savana Lorrany, os quais me incentivaram a nunca desistir dos meus sonhos, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas ao longo das nossas vidas. Também sou grata ao meu irmão de coração, Alisson Pereira, que sempre está presente quando preciso dele.

Quero agradecer ao meu namorado, Marcos Vinicius, por sempre estar ao meu lado e aguentar minhas reclamações ao longo do nosso namoro, e por sempre me incentivar e apoiar, independente do que seja, além de ter uma extrema paciência com meus dramas.

As minhas amigas Álen Beatriz, Suênia Maria, Fabia Caroline, Fernanda Dias, Kevilli Kristina, que comemoraram e choraram comigo minhas conquistas e minhas quedas durante toda a jornada árdua que vivi, e que desde muito cedo estamos juntas e nos tornamos essas mulheres fortes e unidas sempre.

Aos amigos que ganhei com o curso, Maria Emilia, Flavia Sousa e Gean Dias, que me acolheram e me ajudaram a chegar na reta final.

Aos meus familiares, tias e tios, madrinhas e padrinhos, avô e avó, que além desse ciclo, ainda me viram crescer e me tornar quem sou hoje, graças ao carinho e amor que me deram e ainda hoje tenho.

Aos primos e primas, afilhados e afilhada, e meus sobrinhos, a quem espero ser um exemplo, e que futuramente se orgulhem da pessoa que me tornei.

A minha orientadora, que teve o máximo de paciência e dedicação, sendo escolhida por ter um coração maravilhoso e uma extrema sabedoria e inteligência, que me guiou aonde cheguei hoje. Agradecer ao professor e mestre Marcos Assis e ao professor Dr. Santiago Andrade, pelas correções e ensinamentos, que me permite ter um bom desempenho no meu processo de formação profissional.

## RESUMO

A agricultura familiar e o modo de vida camponês: práticas e desafios no Sítio Mata dos Galdinos em São João do Rio do Peixe-PB é um sistema de produção agrícola que se baseia na gestão de pequenas propriedades por famílias, onde a mão de obra familiar desempenha um papel central. O objetivo deste trabalho é investigar a utilização de técnicas de Agricultura Familiar e demais atividades do campesinato no Sítio Mata dos Galdinos, que se localiza no município de São João do Rio do Peixe, no sertão da Paraíba, focando não apenas na sua relevância histórica, mas também nas implicações socioeconômicas, ambientais e culturais que essa forma de agricultura pode ter em diferentes contextos. A pesquisa iniciou com um extenso levantamento bibliográfico de dados por meio da revisão de algumas obras que tratam da presente temática. O segundo passo foi a realização de uma entrevista semiestruturada com membros de famílias tradicionais da localidade. Além disso, foi aplicado um questionário, com os agricultores familiares alfabetizados para compreensão da sua cultura camponesa. Por fim, foi feita uma análise de todos os dados coletados e colocados em ordem com as críticas referentes ao tema abordado. Os resultados apontam que a utilização das técnicas de Agricultura Familiar e o modo de vida do camponês no Sítio Mata dos Galdinos constituem pilares fundamentais para a sustentabilidade e o desenvolvimento dessa comunidade rural.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Técnicas de Agricultura Familiar. Sustentabilidade.

## ABSTRACT

Family farming and the peasant way of life: practices and challenges at Sítio Mata dos Galdinos in São João do Rio do Peixe-PB is an agricultural production system that is based on the management of small properties by families, where family labor plays a central role. The objective of this work is to investigate the use of Family Farming techniques and other activities of the peasantry at Sítio Mata dos Galdinos, which is located in the municipality of São João do Rio do Peixe, in the hinterland of Paraíba, focusing not only on its historical relevance, but also on the socioeconomic, environmental and cultural implications that this form of agriculture can have in different contexts. The research began with an extensive bibliographical survey of data through the review of some works that deal with this topic. The second step was to carry out a semi-structured interview with members of traditional families in the locality. In addition, a questionnaire was administered to literate family farmers to understand their peasant culture. Finally, an analysis of all the data collected was carried out and placed in order with the criticisms regarding the topic addressed. The results indicate that the use of Family Farming techniques and the peasant's way of life at Sítio Mata dos Galdinos constitute fundamental pillars for the sustainability and development of this rural community.

**Keywords:** Family farming. Family Farming Techniques. Sustainability.



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Fachada da Casa Velha.....	32
imagem 2: Uso do trator na agricultura familiar .....	37
Imagem 3: Roça com técnica de queimada (broca) utilizada na agricultura familiar .....	38
Imagem 4: Silos de zinco.....	40
Imagem 5: Garrafas PET .....	41

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1: Localização de São João do Rio do Peixe na Paraíba .....	24
Mapa 2: Localização do Sítio Mata dos Galdinos .....	27
Gráfico 1: Distribuição de idade no sítio Mata dos Galdinos.....	29
Mapa 4: Distribuição geográfica das famílias fundadoras e seus descendentes no Sítio Mata dos Galdinos .....	30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Metodologias .....</b>	<b>9</b>
<b>2 O SURGIMENTO DA AGRICULTURA E SUAS TÉCNICAS COM O DECORRER DO TEMPO.....</b>	<b>11</b>
<b>3 MODO DE VIDA CAMPONES E SUAS CARACTERÍSTICAS .....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 O campesinato na região Nordeste.....</b>	<b>22</b>
<b>4 COLHEITAS DO PASSADO E FUTURO: A AGRICULTURA FAMILIAR NO SÍTIO MATA DOS GALDINOS .....</b>	<b>23</b>
<b>4.1. Caracterização física da região e a influência na agricultura do Sítio Mata dos Galdinos .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2. Cultivando tradições: o retrato da Agricultura Familiar no Sítio Mata dos Galdinos .....</b>	<b>29</b>
<b>4.3 Além da agricultura: vidas e atividades no Sítio Mata dos Galdinos .....</b>	<b>41</b>
<b>4.4. Comercialização dos legumes .....</b>	<b>42</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A agricultura é uma das atividades humanas mais antigas e primordial para a sobrevivência humana, que vem desempenhando um papel fundamental na produção de alimentos e no sustento das comunidades em todo o mundo. Ao longo da história, diferentes abordagens e técnicas foram desenvolvidas para atender às crescentes demandas por alimentos e recursos naturais, sendo que essas comunidades se desenvolveram de maneira rápida, assim que o domínio da agricultura foi feito.

Uma forma particularmente essencial de agricultura é a chamada “Agricultura Familiar”, em muitas partes do mundo, especialmente nas áreas rurais, esse tipo de agricultura permanece como uma força vital na produção agrícola das áreas rurais, sendo a mesma caracterizada conforme as características físicas e culturais de cada lugar, influenciando, assim, os meios de produção agrícolas.

A Agricultura Familiar é um sistema de produção agrícola que se baseia na gestão de pequenas propriedades por famílias, onde a mão de obra familiar desempenha um papel central. Com isso, tem-se na produção camponesa o recurso de oferecer subsídio tanto para a sobrevivência, quanto para a obtenção de lucros por meio do comércio (Altafin, 2007). Essa modalidade agrícola representa uma parte significativa da atividade rural em muitos países, desempenhando um papel vital na produção de alimentos, na conservação de recursos naturais e a realidade das áreas rurais.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é investigar a utilização de técnicas de Agricultura Familiar e demais atividades do campesinato no Sítio Mata dos Galdinos, que se localiza no município de São João do Rio do Peixe, no sertão da Paraíba, focando não apenas na sua relevância histórica, mas também nas implicações socioeconômicas, ambientais e culturais que essa forma de agricultura pode ter em diferentes contextos. Pretende-se analisar como as famílias rurais desta localidade incorporam e adaptam essas técnicas em suas atividades cotidianas e durante o passar dos tempos, bem como avaliar os desafios e as oportunidades enfrentadas por aqueles que dependem da Agricultura Familiar como meio de subsistência.

Além disso, este estudo identifica as práticas agrícolas específicas relacionadas à Agricultura Familiar, bem como as atividades camponesas praticadas. Isso inclui o uso eficiente de recursos, a diversificação de culturas ao longo de diferentes gerações, integração de técnicas transmitidas de geração em geração. Ao explorar esses aspectos, buscou-se

contribuir para uma compreensão mais abrangente da Agricultura Familiar como uma alternativa viável e sustentável para o desenvolvimento rural e a produção de alimentos.

Os objetivos específicos deste estudo incluem uma análise da relevância desse tipo de agricultura e das atividades do campesinato na comunidade Mata dos Galdinos. Além disso, visa identificar as técnicas agrícolas empregadas pelos pequenos agricultores locais, bem como avaliar as consequências ambientais decorrentes das práticas da agricultura familiar. Pretende-se, ainda, realizar uma comparação entre as técnicas utilizadas e o modo de vida do passado e as técnicas e modo de vida atual, empregadas principalmente nas atividades agrícolas da comunidade.

No decorrer do trabalho, debruçou-se sobre a realidade da comunidade pesquisada que adota a Agricultura Familiar, entre outras atividades camponesas, destacando suas práticas, desafios e conquistas. Além disso, serão apresentadas políticas governamentais e iniciativas locais que visam apoiar e fortalecer essa forma de agricultura, e se estes apresentam alguma mudança ou vantagem para esses agricultores familiares. Será apresentada uma análise crítica fundamentada sobre a aplicação das técnicas de Agricultura Familiar na referida comunidade, corroborando sua relevância como um modelo de produção que transcende a mera subsistência. Este modelo promove a sustentabilidade, a resiliência das comunidades rurais, a preservação dos recursos naturais e a transmissão cultural ao longo das gerações.

## **1.1 Metodologias**

As metodologias de pesquisa foram utilizadas como um conjunto de ferramentas para a comprovação, sendo estas formadas por técnicas de pesquisa (Lakatos; Marconi, 2003). A abordagem metodológica utilizada foi qualitativa, que de acordo com Triviños (2001, p. 83) “[...] obtém ideias predominantes, tendências que aparecem mais definidas entre as pessoas que participam do estudo”. Ou seja, abordam conceitos e características comuns da localidade alvo da análise. Essa abordagem de pesquisa envolve uma complexidade de uma problemática qualquer e necessita de entendimento e classificação dos processos dinâmicos vivenciados, podendo favorecer na resolução, entendimento e melhoria de particularidades individuais (Dalfovo, Lana; Silveira, 2018). Dessa forma, a referida abordagem não busca por generalizar os resultados alcançados pelo estudo, mas mostrar as diferenças de cada local de onde se é aplicada a pesquisa.

A pesquisa iniciou com um extenso levantamento bibliográfico de dados, bem como a revisão de algumas obras que tratam da presente temática, buscando direcionar o entendimento da mesma (Sousa; Oliveira; Alves, 2021).

Iniciou-se com a história do surgimento da agricultura, até chegar na agricultura familiar e nas técnicas utilizadas no seu manejo. O segundo passo foi a realização de uma entrevista semiestruturada com membros de famílias da localidade, que por sua vez utilizou-se um roteiro de maneira flexível, optando por fugir da formalidade em certos momentos, para que o entrevistado pudesse relatar de maneira pessoal a temática (Lüdke; André, 2004). Essa entrevista foi realizada com famílias tidas como analfabetas (ver Apêndice A), tendo idosos e jovens neste grupo; de maneira geral, foi dividida em dois grupos: o primeiro grupo de entrevistados era minimamente alfabetizado, respondendo o questionário sem ajuda, já o segundo, formado por analfabetos, respondeu às perguntas da entrevista de forma oral, conseguindo, assim, preencher o questionário.

Com isso, foram observadas as mudanças nas técnicas da agricultura familiar e quais técnicas ainda estavam presentes na vida dos jovens locais. Além disso, foi aplicado um questionário, com intuito de compreender as mudanças das técnicas de agricultura e do modo de vida do camponês, com o passar das descendências e as mudanças do local, que segundo Gil (1999, p. 128), se define “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

Essa aplicação de questionário foi feita com agricultores familiares alfabetizados. Por fim, foi feita uma análise de todos os dados coletados e colocados em ordem com as críticas referentes ao tema abordado, visando à compreensão dos leitores e buscando, assim, as soluções para o problema abordado na pesquisa, analisando a presente realidade.

## **2 O SURGIMENTO DA AGRICULTURA E SUAS TÉCNICAS COM O DECORRER DO TEMPO**

O presente capítulo irá abordar os principais acontecimentos históricos sobre o início da agricultura, citando apenas os mais relevantes, por ser uma longa trajetória histórica até os dias atuais. A história da humanidade é caracterizada por uma jornada longa e multifacetada, repleta de descobertas e adaptações essenciais para a sobrevivência. Um dos aspectos cruciais é a alimentação que, à medida que a população crescia, tornava-se cada vez mais escassa nos ambientes em que viviam. Isso gerava a necessidade de deslocamento em busca de mais alimentos, levando-os a adotar um estilo de vida conhecido como caçadores-coletores. Contudo, deve-se ter no surgimento da agricultura o marco essencial da história humana, pois foi a partir dela que essa espécie deixou de ser nômade (Silva, 2010).

Com a escassez de alimentos, um dos primeiros marcos históricos, datado de aproximadamente 10.000 a 12.000 anos atrás no período Neolítico, foi identificado como o primeiro desequilíbrio ecológico causado pelo homem, conforme observado por Felden (2018). Diante dessa situação, os seres humanos buscavam alternativas para garantir sua subsistência. Dessa maneira, foi nesse contexto que o homem começou a observar o desenvolvimento das plantas e, por meio desse processo de observação e experimentação, aprendeu a cultivar seu próprio alimento (Mazoyer e Roudart, 1933). Esse desenvolvimento inicial da agricultura se deu através da prática de “rasgar” o solo para plantar sementes, marcando, com isso, o surgimento da primeira forma de agricultura primitiva.

O surgimento da agricultura permitiu a estabilização dos grupos que se deslocavam para sua sobrevivência, implementado a seu novo modo de vida a criação de animais e sua domesticação, gerando um crescimento na população desses grupos que se fixaram, surgindo, assim, as sociedades. Esse novo modo de vida do ser humano, que utilizava o meio para produção do seu alimento, acabou por devastar o ambiente em que se fixou, ou seja, modificou o meio que vivia para sua existência (Silva, 2010).

Com a evolução do homem a agricultura também passa por mudanças conforme o lugar e a época. Segundo Mazoyer e Roudart (1933, p. 52), “[...] apesar dessa diversidade, observa-se também que as formas locais de agricultura, praticadas numa região, numa época determinada, se parecem suficientemente para serem aproximadas e classificadas numa mesma categoria”.



O homem iniciou o desenvolvimento de técnicas com o domínio do fogo e dos metais, o que resultou na criação de ferramentas para seu trabalho, tanto na agricultura quanto na criação de animais. Esse avanço ocorreu durante a conhecida Idade do Bronze. Foi nesse período que ocorreu a primeira Revolução Agrícola, resultando no aumento da produção de alimentos e no crescimento das comunidades agrícolas. De acordo Mazoyer e Roudart (1933, p. 113), entre 4.000 e 3.500 AC as grandes civilizações, como os egípcios, mesopotâmicos, gregos e romanos, que dependiam da agricultura para sustentar suas populações, acabaram por desenvolver técnicas avançadas de supervisão e cultivo, gerando uma contribuição decisiva para a expansão e evolução da agricultura.

A criação de comunidades foi inevitável, sendo necessária uma organização. Com isso, ocorreu uma fragmentação da sociedade do trabalho, onde o homem era responsável pela caça, pela pesca e pela segurança da comunidade, enquanto a mulher era responsável pelos afazeres de casa, por cuidar das crianças, pela agricultura e pelo preparo de alimento (Castanho; Teixeira, 2017). Conforme Mazoyer e Roudart (1933, p. 168), “[...] as principais áreas de atividade agrícola eram os vales dos rios Tigre e Eufrates, os rios Amarelo e Azul na China e o rio Nilo no Egito”. Com isso, nota-se que o método de cultivo próximo aos rios, tende a elevar o nível de fertilidade e acesso à água.

Com o cultivo e o seu aprimoramento, surgiram comunidades que se estabeleceram, implementando a criação de animais e o plantio de cereais. Esse novo sistema de agricultura, com o uso do arado escarificador, facilitou o cultivo de cereais e deu origem à primeira revolução agrícola antiga.

A Idade Média foi marcada pelo desenvolvimento da sociedade feudal na Europa Ocidental, podendo destacar como uma das características marcantes a construção de muros altos para proteger o clero (Castanho; Teixeira, 2017).

Em primeiro lugar, a igreja, ou seja, o rei, era o senhor dos meios de produção, incluindo o feudo, e os servos, que trabalhavam, assim como os escravos, mas não eram vendidos. No entanto, quando o feudo era passado para outro proprietário, os servos permaneciam na mesma função. De acordo com Júnior (2002, p. 43) “[...] o período medieval não apresenta muitas novidades com relação à Antiguidade. O diferencial era o modo que a terra era trabalhada, na maioria das vezes, no sistema bienal ou trienal”. Outro diferencial foi a descoberta de terras férteis tanto no extremo norte europeu quanto na zona mediterrânea, dando preferência ao esquema bienal. Júnior (2002, p. 43) afirma ainda que “o esquema bienal: a terra fértil era dividida em duas partes, cultivando-se uma delas no primeiro ano enquanto a outra ficava em pousio, invertendo-se no segundo ano e assim sucessivamente”.

Esse novo sistema desempenhava a ampliação da produção agrícola, divisão essa que acabava por gerar duas colheitas por ano, sendo este considerado o maior avanço na agricultura da época.

Os indígenas (AMERÍNDIOS) também já cultivavam nas terras que hoje são conhecidas atualmente como o Brasil. Em 1492, os reis católicos da Espanha, Isabel e Fernando, partiram em grandes expedições marítimas em busca de novas terras (Feldens, 2018). Em 1500, houve a colonização pelos portugueses, os quais consideravam o território explorado uma nova terra para a agricultura. Somente em 1501 começou a ocorrer a exploração dos solos e recursos naturais no país, gerando uma espécie de descontentamento dos portugueses, pois os mesmos esperavam ouro e especiarias em abundância (Feldens, 2018).

Apesar de ter sido considerada uma terra descoberta pelos portugueses, é sabido que existia uma população de indígenas que a habitavam. Dessa forma, esses grupos de pessoas eram, na sua maioria, tribos seminômades que sobrevivem da caça, da pesca, da coleta e da agricultura itinerante (Feldens, 2018). A ocupação dos portugueses sobre o território dos povos indígenas, como os tupis, teve um impacto significativo no seu modo de vida. De acordo com Carlos Walter (2012, p. 6):

O encontro das diferenças entre os habitantes do novo continente é, ao contrário dos discursos pós-modernos, de tensão, resistência, tragédia e reinvenção permanente da vida em circunstâncias que requerem que cada um de nós analise a modernidade como uma experiência de expulsão das terras, despojando-se de sua própria língua em seu próprio território, mas, ao mesmo tempo, tendo que repeti-la com outro sentimento, uma vez que a modernidade é abençoada pela mão santa da chibata ou pelo glifosato da Monsanto.

Com a colonização, houve uma introdução significativa de novas culturas e técnicas agrícolas no Brasil; os portugueses trouxeram plantas como a cana-de-açúcar e a laranja, bem como técnicas de cultivo e criação de animais trazidos pelos colonizadores. A cana-de-açúcar logo se tornou uma atividade relevante na economia colonial. Os indígenas foram usados como escravos para a mão de obra do cultivo da terra e trabalhos pesados. Além deles, também foram trazidos os africanos para serem escravos dos nobres que controlavam essas novas terras. Esses escravos foram fundamentais para o cultivo dessas culturas.

Por volta de 1534 e 1536, Dom João III cedeu quinze capitâneas a doze capitães-donatários aos territórios americanos (Pedroza, 2020). Isso se configurou como um sistema de divisão dessas terras, que ficavam por responsabilidade de um administrador, os chamados donatários, sendo esses senhores de famílias nobres de Portugal, para tornar essa terra

próspera. Os donatários, que recebiam essas terras da coroa, podiam passar para as próximas gerações, ou seja, os próximos a receber seriam seus filhos ou herdeiros, isto é, de acordo com Pedroza (2020, p. 22):

Os donatários, que eram, ao mesmo tempo, capitães, recebiam um certo número de léguas de terras, medidas pela costa, como sua jurisdição civil e criminal. Cabia a eles, basicamente, o estímulo ao povoamento, a distribuição de terras em sesmaria e a administração superior. A lei não permitia que donatários tomassem terra alguma em sesmaria para si, sua mulher ou filhos, além das dez léguas de reguengo. Além disso, estavam previstos confiscos nos casos de infrações graves das disposições régias, sobretudo no caso da posse indevida de sesmarias ou no contrabando de pau-brasil, especiarias ou outras drogas, que eram propriedade do rei.

Esses donos de terras passaram, então, a exercer seus direitos segundo as leis vigentes na época, propiciando a partilha de terras somente para membros das suas respectivas famílias e gerações futuras.

Ainda sobre essas capitânicas, pode-se mencionar as de Pernambuco e de São Vicente, por terem sido logradas e alcançarem prosperidade nos anos seguintes ao início da colonização (Feldens, 2018). Com isso, NESSAS DUAS CAPITANIAS destacaram-se as lavouras de cana-de-açúcar e as outras 10 capitânicas fracassaram, muitas pelas dificuldades, tanto de adaptação ao clima que até então era tido como novo, quanto por falta de investimentos, e até mesmo pelo desinteresse dos donos das terras.

A implementação das políticas públicas das sesmarias iniciou no século XIV e terminou no século XVII. Essa lei já existia antes da colonização, mas também vingou no solo brasileiro, sendo essa promulgada por D. Fernando I em 1375, deu ao rei a autoridade e o controle sobre a distribuição das lavras agrícolas que, de acordo com Pedrosa (2020, p. 27),

O governo central passaria a conceder terras àqueles interessados e com condições em lavrá-las, e também poderia retomar o domínio das terras de quem as tivesse abandonado, ambas as ações baseadas no princípio do bem comum. As sesmarias faziam parte do conjunto de práticas proprietárias que caracterizam uma 'propriedade condicionada', típica do Antigo Regime: o acesso à terra se dava mediante uma mercê ou concessão do rei (e não através da compra); cultivo, moradia e povoamento eram pré-requisitos para a concessão do domínio direto e sua renovação, e era prevista a reversibilidade do domínio útil.

Desta maneira, compreende-se que ocorreram nessa época as primeiras partilhas e doações de terras, tendo como foco a exploração do solo por meio do cultivo como fonte de gerar lucros, em especial para os donos das terras, que somente doavam aos indivíduos que estivessem dispostos a lavrar.

Após um certo período, chegou-se à conclusão de que alguns sesmeiros criaram Senhorios Coloniais, que detinham uma área superior à permitida, conforme a Lei de

Sesmarias. No entanto, com o decorrer do tempo, aproveitaram-se da inexistência de fiscalização. É visível, assim, a divisão de classes sociais desde sempre, mesmo com a implementação de leis, para tornar as terras prósperas; os grandes senhores ainda se opunham contra a coroa para possuir uma parte abundante de terras, mesmo que essa não tivesse serventia ou gerasse agricultura (Pedrosa, 2020).

A Revolução Agrícola Britânica, durante o século XVII, gerou a introdução de novas tecnologias, como a rotação de culturas, a seleção de sementes e a mecanização, que transformou a agricultura na Grã-Bretanha, aumentando significativamente a produção de alimentos. Ocorreu, com isso, a adesão de novas espécies de plantas originárias da América, sendo essas batatas, milho, etc., e se prolongou pelas colônias de povoamento das regiões temperadas das Américas, da África do Sul, da Austrália e da Nova Zelândia. Enquanto isso, nas regiões tropicais, as plantações de agroexportação se desenvolveram para superá-las e dar origem a novos sistemas muito especializados, como a cana-de-açúcar, algodão, café, cacau, palmeiras para a extração de óleo, banana, entre outros (Castanho; Teixeira, 2017).

As mudanças na agricultura ocorreram quando o homem alterou o seu modo de vida, deixando a caça e a coleta para surgir a agricultura. Essas alterações são denominadas de revoluções agrícolas. A revolução agrícola antiga criou sistemas de cultivo de cereais pluviais, com alqueive, pasto e criação de gado, que incluíam ferramentas manuais, como a pá e a enxada, e um arado escarificador. A revolução agrícola da Idade Média Central, que iniciou na metade norte da Europa, produziu os sistemas de alqueire e tração pesada, com o emprego do arado charrua e da carreta (Mazoye e Roudart, 1933)

Já a primeira revolução agrícola moderna gerou dois sistemas de cultivos que se baseavam no cereal, agricultura com forrageiras e sem alqueive. Com isso, acabaram por enriquecer a Europa com novas espécies de plantas, que se estenderam por regiões temperadas como PARTES Das Américas, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia (Mazoyer; Roudart, 1933).

De acordo com Castanho e Teixeira (2017, p. 138) “as regiões tropicais, as plantações agroexportadoras desenvolviam-se no seio de sistemas preexistentes a ponto de substituí-los e dar origem a novos sistemas muito especializados (cana-de-açúcar, algodão, café, cacau, palmeiras para extração de óleo, banana, etc.)”, gerando, então, novas adaptações para a agricultura; todas essas transformações na agricultura que criaram uma forma de marca na história da agricultura, sendo essa gerada pelo homem e suas formas de trabalho são conhecidas como Revolução Agrícola.

Nas regiões temperadas quentes, onde faltava água no verão, optou-se por cultivar plantas que possuem reservas de água natural em suas próprias raízes ou que podem alcançar lençóis freáticos devido às suas raízes profundas. Essa característica natural tende a favorecer o cultivo durante as épocas secas. Além disso, é necessário destacar que a decomposição da madeira dessas plantas também ajuda na fertilização do solo onde ocorre o cultivo (Mazoyer; Roudart, 1933).

O século XIX marcou o início da agricultura do café no Brasil, que encontrou um clima propício para o seu desenvolvimento, sobretudo nas regiões onde havia terra vermelha (roxa), como o Paraná e o interior de São Paulo (Reifschneider *et al.*, 2012). Tal acontecimento resultou na oligarquia dos Barões do Café, ocorrendo conseqüentemente a imigração, ou seja, a chegada de europeus para a produção do café em São Paulo, gerando diferenças nas regiões do Brasil, em comparação com o Nordeste.

A indústria surgiu no final do século XIX, o que fez com que os camponeses mudassem do feudalismo para o capitalismo Medeiro e Prado (2019, p. 139). No entanto, de acordo com Carlos Walter Porto Gonçalves, desde a colonização pelos portugueses, o capitalismo surgiu, uma vez que o principal objetivo dos portugueses era a obtenção de riqueza e a expansão do seu território, características essas do capitalismo. Esse fato veio a gerar a constituição do mundo moderno, pois foi por meio da América que a economia tendeu a focar também na agricultura (Carlos Walter, 2012).

Evidencia-se, também, a importância do encontro entre os exploradores europeus e o continente americano, conhecido como América, dando início ao mundo moderno, sobretudo na época colonial. A Europa teve impactos sobre eventos e dinâmicas globais a partir deste encontro. A América foi importante para que a Europa se tornasse o novo centro do mundo. Grande parte da Europa era feudal, com exceção da península ibérica. A descoberta e a conquista do novo continente proporcionaram uma riqueza sem precedentes através do saque, exploração e escravidão. Essas atividades incluíam saques da América, exploração dos povos indígenas e comércio de escravos africanos. Dessa forma, o encontro entre a Europa e a América desempenhou um papel central na formação do mundo moderno, inaugurando a era colonial e transformando a Europa em uma potência global através da exploração e dominação de territórios e povos (Carlos Walter, 2012).

Há outros autores que defendem o mesmo ponto de vista de Carlos Walter, podendo destacar-se Caio Prado Jr., que baseia sua teoria da colonização capitalista na escravização; o mesmo acredita que esse foi o ponto que impulsionou o capitalismo no Brasil. Celso Furtado

e Fernando Novais, assim como Carlos Walter, apontam a importância da colonização no futuro, uma vez que a transferência do excedente econômico gerado nas colônias para a metrópole, especialmente por meio do monopólio do comércio de produtos tropicais, serviu como uma forma primitiva de acumulação primitiva de capital. Esse capital acumulado teve um papel crucial na promoção e financiamento da Revolução Industrial, que ocorreu sobretudo na Europa no século XVIII (Teixeira, 2006).

Contudo, ainda hoje é adotado pelos historiadores que o feudalismo se transformou em capitalismo no final do século XIX e passou pelo processo de modernização, com o surgimento de novos transportes, mais rápidos e eficientes, como estradas de ferro e barcos a vapor, marcando a primeira revolução industrial entre 1760 e 1860 (Feldens, 2018). Além disso, surgiram novos equipamentos mecânicos para tração animal, como arado charrua metálico, arados brabant, semeadeiras, ceifadeiras e colhedoras, o que levou a agricultura desses países à primeira crise “mundial” de superprodução agrícola nos anos 1890 (Mazoyer; Roudart, 1933).

Na primeira Revolução Industrial, de acordo com Mazoyer e Roudart (1933, p. 420), “a motorização (motores a explosão ou elétricos, tratores e engenhos automotivos), a grande mecanização (máquinas cada vez mais complexas e eficientes); e a quimificação (adubos minerais e produtos de tratamento)” são fatores que permitiram um crescimento no desempenho agrícola dos camponeses, que se especializaram em cereais para suprir as grandes populações que se aglomeravam nas cidades.

Dessa forma, eles podiam vender algumas de suas produções específicas, criando um sistema agrário multirregional, que era composto por subsistemas regionais, divididos em cultivos específicos. Ou seja, cada pequena região produzia um tipo de produto agrícola. A partir do ano de 1930, se iniciou o ciclo de exportação no Brasil, caracterizando-se como uma economia primário-exportadora (Dossa, 2014).

É importante notar que as revoluções agrícolas ocorreram diversamente em todo o mundo, o que resultou nas desigualdades regionais observadas atualmente. Isso significa que algumas regiões foram mais beneficiadas pelas alterações agrícolas do que outras. Dessa forma, os sistemas agrícolas diversificados, que anteriormente eram predominantes, foram substituídos pela agricultura especializada, caracterizada pela prática de monoculturas. Essa mudança é influenciada, sobretudo, pelas vantagens físicas, como a fertilidade natural do solo, e econômicas, como o uso de máquinas agrícolas (Lima; Silva; Iwata, 2019).

As revoluções agrícolas, a forma como cada sociedade se apropriou das técnicas agrícolas, lançaram as bases do sistema colonial, que começou a ganhar força no mundo após a descoberta de novas terras nas Américas, África, Ásia e Oceania (Lima; Silva; Iwata, 2019). A expansão do capital, sobretudo europeu, buscou novos mercados para os produtos da manufatura e, posteriormente, da indústria, o que desmantelou o sistema agrícola autossuficiente das colônias. Nas colônias, os *plantations* tinham como principais características a mão de obra escrava, a monocultura, a produção voltada para o mercado externo e o uso de grandes propriedades (latifúndios). Esta estrutura permanece até os dias atuais, com exceção da mão de obra escrava.

Na atualidade, os avanços tecnológicos visam a grande produção, o que é possível graças à motorização e à mecanização, sendo espelhos do cenário da colonização, de forma que foram criadas as bases de uma economia entre regiões desiguais, com uma nova divisão social do trabalho entre nações. Os países colonizadores intensificaram a produção industrial e os colonizados, a de produtos primários e de produtos agrícolas.

O avanço tecnológico visa gerar grandes produções, viabilizadas pela motorização e mecanização, pela seleção de variedades de plantas e raças de animais com elevado potencial de rendimento, pela ampla utilização de fertilizantes, alimentos concentrados para o gado e produtos para tratamento de plantas e animais domésticos. Esse avanço ocorre principalmente em países desenvolvidos e em alguns países em desenvolvimento.

Os países desenvolvidos, por meio da política de apoio, obtêm um aumento significativo na produção e na venda de seus produtos por valores superiores aos que os beneficiam. No entanto, os países em desenvolvimento não têm acesso a essa política de apoio, muito menos à motorização e à mecanização, resultando em uma queda na produção em comparação com os grandes agricultores. Com esses avanços da industrialização, e da revolução agrícola contemporânea, acabou por ter como reflexo a revolução verde. Pode-se afirmar, segundo Mazoyer e Roudart (2010, p. 28), que:

Ainda nos países em desenvolvimento, a partir dos anos 1960, a revolução verde, uma variante da revolução agrícola contemporânea desprovida de motorização-mecanização, desenvolveu-se muito mais amplamente. Baseada na seleção de variedades com bom rendimento potencial de arroz, milho, trigo, soja e de outras grandes culturas de exportação, baseada também numa ampla utilização de fertilizantes químicos, dos produtos de tratamento e, eventualmente, em um eficaz controle da água de irrigação e da drenagem, a revolução verde foi adotada pelos agricultores que conseguiam adquirir esses novos meios de produção e nas regiões favorecidas, onde era possível de rentabilizá-los.

A chamada “revolução verde”, que se iniciou em 1960 até 1970, tinha como objetivo alimentar uma crescente população mundial. No entanto, tornou-se mais complexa, sendo caracterizada como “pacotes tecnológicos” de aplicação universal, que visam aumentar a produção agrícola mundial, com o aumento dos rendimentos dos cultivos em diferentes condições ecológicas. Dessa forma, as tecnologias desenvolvem a agricultura visando aumentar o seu crescimento, mas isso pode causar danos à produção agroindustrial.

Conforme o livro “História das Agriculturas no Mundo”, dos autores Mazoyer e Roudart (1933), a segunda revolução industrial resultou em um aumento da produtividade manual, que se intensificou durante a Segunda Guerra Mundial, juntamente com avanços na motorização dos transportes, incluindo os automóveis, marítimos e terrestres, o que criou oportunidades para a exportação de produtos agrícolas.

Com esse crescimento na produção com o auxílio de maquinários visando o lucro, populações sofrem com o desemprego e a pobreza, levando-os ao êxodo rural, consequência que leva a muitos a lutar pela reforma agrária, que foi um marco na história agrícola. De acordo com Feldens (2018, p. 65):

Existe, especificamente para fins de Reforma Agrária, a Lei de Desapropriação, garantida pela Constituição de 1988, instituída pelo Plano Nacional de Reforma Agrária, sob o decreto-lei n.º 3.365, de 21 de junho de 1941, reformulado pela Constituição, o qual assegura à União, o direito à desapropriação de terras particulares, porém consideradas improdutivas, em decorrência da utilidade pública, especialmente, para fins de Reforma Agrária, podendo haver também outras utilidades prioritárias por parte da União.

A reforma agrária, de maneira simples, é a divisão e distribuição de maneira justa de terras, para famílias que não possuem um lugar para se estabelecer e produzir. De acordo com Feldens (2018, p. 64), “a União realiza a compra ou a desapropriação de latifúndios particulares considerados improdutivos em diversas áreas da federação, e, através da Incra, distribui e loteia essas terras às famílias que recebem os lotes, e presta assistência financeira”.

Para se cumprir a Reforma Agrária, vem se construindo ao longo dos anos no Brasil os assentamentos de Reforma Agrária, que inicialmente foram cerca de 1.346.798 famílias assentadas desde o início do Programa Nacional de Reforma Agrária, 977.039 famílias vivem atualmente em assentamentos e áreas reformadas. 9.340 assentamentos foram criados e 88.819.725 hectares de área foram reformados (Feldens, 2018). Conforme Fernandes (2000, p. 61), a reforma agrária se define como:

Objetivos a conquista da terra de trabalho. E os realiza por meio de uma ação denominada ocupação da terra. A ocupação é um processo socioespacial e político complexo que precisa ser entendido como forma de luta popular de resistência do



campesinato, para sua recriação e criação. A ocupação desenvolve-se nos processos de espacialização e territorialização, quando são criadas e recriadas as experiências de resistência dos sem-terra. Neste sentido, visou discutir algumas das principais noções e conceitos aprendidos ou construídos a partir da leitura bibliográfica e da realidade estudada.

Com o recebimento dessas terras, fica por responsabilidade dessas famílias a implementação de atividades agrícolas, sendo individual, apenas a família ou coletivamente, com a colaboração de todos ou maioria do assentamento, vivendo das atividades do campesinato.

### 3 MODO DE VIDA CAMPONES E SUAS CARACTERÍSTICAS

Esse modo de vida do campesinato vai além dos movimentos dos MST (Movimento dos Sem Terra). Wanderley (2003, p. 44) afirma que “[...] se constitui historicamente como uma civilização ou como uma cultura”, que passa seu saber de geração em geração. O meio industrial não é considerado suficiente para a produção econômica da atualidade, assim, seus métodos são considerados uma forma restrita, como uma forma social particular de organização da produção. Entretanto, o campesinato vem sofrendo com a modernização e as mudanças passando por crises, obrigando os camponeses a se adaptarem ao novo modo de vida, sendo estes cada vez mais flexíveis. Enquanto os camponeses do passado viviam da agricultura e criação, atualmente, os encontramos em novas atividades de trabalho, como exemplo temos o turismo, e outras funções; os camponeses desempenham um trabalho camponês em conjunto com um não-camponês, para garantir o seu sustento.

De acordo com Correia (2011, p. 92), “[...] há dois caminhos para os Camponeses: Ou ele se transforma em “agricultores familiares” e se integra ao mercado capitalista ou se mantêm como camponeses e desaparecem devido à expansão do capitalismo no campo”. Entretanto, o que é realmente visto é a adaptação do modo de vida do camponês, como mostra Shanin (2008, p. 25):

As comunidades camponesas demonstram uma real habilidade para se ajustar a novas condições e também uma grande flexibilidade para encontrar novas formas de se adaptar e ganhar a vida. Em alguns lugares, há comunidades de camponeses que hoje vivem principalmente do turismo. Há lugares onde as comunidades camponesas ganham a vida com novos métodos de produção e, em outros, os camponeses ganham a vida por meio da combinação do trabalho camponês e do trabalho não-camponês.

As comunidades rurais são caracterizadas por essa adaptação, que mantêm o modo de vida rural, mas, devido às necessidades de sobrevivência, o camponês se desloca para a cidade em busca de um salário para manter seu modo de vida rural. No entanto, ele mantêm seu local de origem, mas implementa um novo método de trabalho para mantê-lo.

Frente ao incremento da produtividade agrícola proveniente dos avanços tecnológicos voltados para a ampliação do capital no meio rural, impõe-se a transformação compulsória dos camponeses em agricultores familiares. Tal medida é justificada pela concepção da Agricultura Familiar como componente do desenvolvimento do capitalismo rural, enquanto o camponês é considerado conservador e anacrônico, não coadunando com o progresso capitalista no campo.

Diferentemente do que muitas teorias do fim do campesinato previam, os pequenos agricultores familiares resistem no campo e se recriam. Conforme Wanderley (2003, p. 48) “o agricultor familiar é, sem dúvida, um ator social do mundo moderno, esvaziando qualquer análise em termos de decomposição do campesinato”, mas, como o mesmo autor ainda afirma: “no agricultor familiar há um camponês adormecido”. A agricultura familiar, seja ela inserida ou não no mercado, é uma atividade de resistência camponesa, formando um grupo que se fortalece entre si, este grupo é composto por pequenos produtores rurais, povos tradicionais, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores, entre outros povos do campo no Brasil.

### **3.1 O campesinato na região Nordeste**

Na região Nordeste, acerca da agricultura familiar, deve-se mencionar que a mesma se evidencia entre os pequenos agricultores, de acordo com o censo agropecuário realizado em 2006. Além disso, deve-se enfatizar a importância dos produtores, que por sua vez geram mais da metade da produção de alimentos, bem como de cadeias produtivas que formam o Produto Interno Bruto (PIB) da região Nordeste (Rufino, Odete, Fátima, 2017). Acerca dessa premissa, menciona-se uma característica da região Nordeste, que é o fato de gerar nos agricultores familiares dificuldades na produção agrícola, pois nessa região predomina um clima quente e seco, sendo cerca de 18% da área formada pelo Semiárido (Lopes, 1995).

Segundo Andrade (1980), o Semiárido Nordestino se caracteriza por apresentar diferentes aspectos na vegetação, clima, solo e condições socioeconômicas, também conhecido pelas zonas da Mata, Agreste, Sertão e Brejo. A região é formada predominantemente por pequenos produtores com áreas de até 100 hectares, mantendo uma centralização de minifúndios. O clima é Tropical Semiárido, com uma precipitação média anual de 800 mm, que frequentemente não se concretiza, gerando períodos de seca que prejudicam os pequenos agricultores. Estes, devido à limitação de recursos financeiros, enfrentam dificuldades em investir em tecnologias como a irrigação. Além disso, a falta de instrução e acesso a novos métodos de produção mantém muitos agricultores presos a técnicas tradicionais. Essa situação muitas vezes resulta na perda das lavouras, que poderia ser mitigada com a adoção de técnicas modernas e acessíveis.

## **4 COLHEITAS DO PASSADO E FUTURO: A AGRICULTURA FAMILIAR NO SÍTIO MATA DOS GALDINOS**

A Agricultura Familiar tem desempenhado um papel vital na sustentabilidade das comunidades rurais, garantindo não apenas a segurança alimentar, mas também a preservação de práticas culturais e modos de vida tradicionais. Este capítulo explora a trajetória e as transformações dessa forma de agricultura no Sítio Mata dos Galdinos, localizado no município de São João do Rio do Peixe, no estado da Paraíba. Além disso, trata das técnicas agrícolas empregadas pelas famílias locais, destacando como as práticas tradicionais e inovadoras coexistem para enfrentar os desafios contemporâneos.

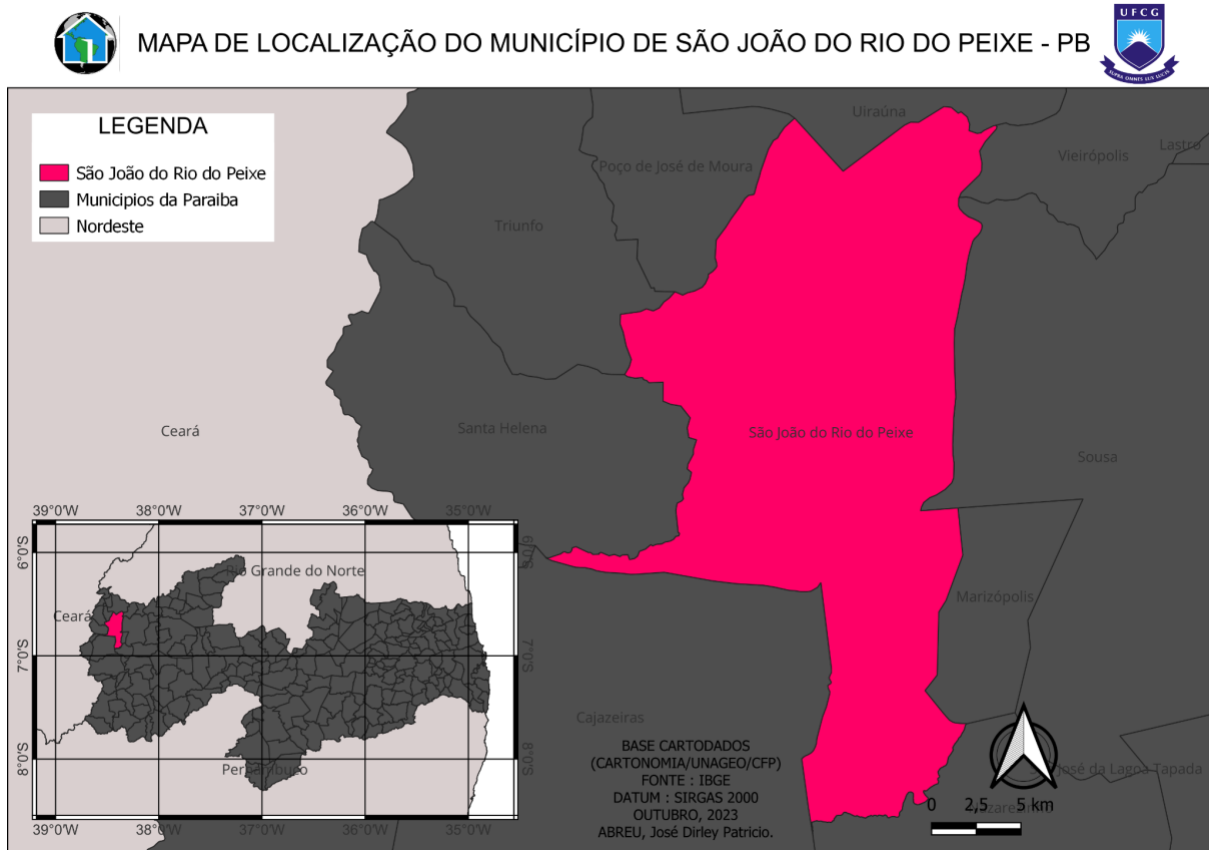
Abordaremos as questões centrais que influenciam a Agricultura Familiar na região, como a influência das chuvas na produção agrícola, a adaptação às condições climáticas adversas, e o impacto das políticas públicas e das associações locais no desenvolvimento sustentável da comunidade. Além disso, este capítulo examinará as dificuldades enfrentadas pelos agricultores familiares, incluindo o acesso limitado a recursos financeiros, a falta de infraestrutura adequada e a necessidade de assistência técnica contínua. Também será analisado como a comercialização de produtos agrícolas e a diversificação das atividades econômicas têm contribuído para a resiliência das famílias.

Por meio de uma análise detalhada das práticas agrícolas e das dinâmicas sociais do Sítio Mata dos Galdinos, pretendemos oferecer uma visão abrangente das colheitas do passado e do futuro, destacando a importância da Agricultura Familiar como um pilar essencial para o desenvolvimento rural sustentável.

### **4.1. Caracterização física da região e a influência na agricultura do Sítio Mata dos Galdinos**

O Município de São João do Rio do Peixe situa-se no extremo oeste do Estado da Paraíba, conforme indicado pelo Mapa 1, fazendo divisa a Oeste com Poço José de Moura, Santa Helena e Triunfo, ao Sul com Cajazeiras e Nazarezinho, a Leste com Sousa e Marizópolis, e ao Norte com Uiraúna e Vieirópolis. O mapa também indica a posição do município no contexto mais amplo da Paraíba, facilitando a visualização de sua localização em relação ao estado e às divisas com estados vizinhos, como o Ceará.

### Mapa 1 – Localização de São João do Rio do Peixe na Paraíba



**Fonte:** Cartonomia/CNPq/UFPG.

Segundo as informações geográficas, São João do Rio do Peixe ocupa uma área de 468,1 km<sup>2</sup>. A sede municipal está situada a uma altitude de 287 metros e possui coordenadas geográficas de 38° 26' 56" de longitude Oeste e 06° 43' 44" de latitude Sul. O acesso a partir de João Pessoa é feito pela BR-230 até a cidade de Cajazeiras, de onde se segue pela PB-393, percorrendo cerca de 21 km até a sede municipal, que está aproximadamente 490 km distante da capital.

A agricultura na comunidade do Sítio Mata dos Galdinos enfrenta uma série de desafios que são comuns a toda a região. Como muitas áreas rurais do Nordeste brasileiro, os agricultores locais lidam com problemas como a irregularidade das chuvas, a falta de acesso a crédito e a infraestrutura inadequada. A agricultura familiar, que é a principal atividade econômica da comunidade, depende fortemente das condições climáticas, tornando a imprevisibilidade das precipitações um fator crucial para a produtividade.

O município de São João do Rio do Peixe está localizada na depressão sertaneja, que é comum diante da paisagem do Semiárido Nordestino, tendo como características uma superfície de pediplanação bastante monótona, o seu relevo predominantemente suave-ondulado, cortado

por vales estreitos e vertentes dissecadas. Elevações residuais, cristas e/ou outeiros pontuam a linha do horizonte, assim com esses relevos, mostrando a erosão ocorrida na maioria do sertão nordestino.

O clima dessa região é Tropical/Semiárido com precipitações de média anual de 150 mm. O clima é caracterizado por ser quente e seco, principalmente nas fases mais extensas do verão; a temperatura vai de 30 °C a 35 °C. O município de São João do Rio do Peixe se encontra inserida nos domínios da Bacia Hidrográfica do Rio Piranhas e da sub-bacia do Peixe. Tem como principais atributos os rios Piranhas e do Peixe, além dos riachos: Cachoeira; Jerimum; Morro do Cupim; Caçaré; Riachão e Zé Dias. Os principais corpos de acumulação são os açudes Escurinho e Pilões (CPRM, 2005). Todos os cursos d'água têm regime de escoamento Intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico.

Por fazer parte da região Nordeste, o município de São João do Rio do Peixe possui uma vegetação composta pela Caatinga Hiperxerófila, também descrita como mata seca, aberta, decídua, sendo verde nas estações chuvosas, as quais podem ser baixas ou médias, além de possuir arbustos espinhosos, com trechos de Floresta Caducifolia.

Por estar localizada no Semiárido Nordestino, é uma das áreas que de acordo com Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012) é conhecida como início de núcleo de desertificação, tendo desafios para o aumento da produtividade e a melhoria dos recursos naturais devido às suas características de incerteza quanto às precipitações pluviométricas, à fertilidade dos seus solos e em função das pressões populacionais em ambiente tipicamente frágil.

Nesse contexto, a agricultura no Sítio Mata dos Galdinos é uma demonstração de resiliência e adaptação, onde os agricultores locais, apesar dos desafios, persistem na manutenção de suas tradições e na busca por um desenvolvimento sustentável. A comunidade continua a encontrar maneiras de adaptar-se, diversificando suas atividades econômicas, como a criação de animais e pequenos comércios, para complementar a renda.

Conforme o IBGE (2010), São João do Rio do Peixe tem 18.020 habitantes, sendo 62,17% da população rural e 37,83% da urbana, demonstrando a importância da zona rural como a principal responsável pelo abastecimento da cidade de São João do Rio do Peixe e das outras cidades da região, com produtos agropecuários. Conforme o IBGE (2020), O PIB da cidade vem da agricultura familiar o restante é dividido em outros serviços e administração.

De acordo com a estrutura espacial do município, onde a zona rural é predominantemente composta por pequenas propriedades agrícolas e comunidades. A presença

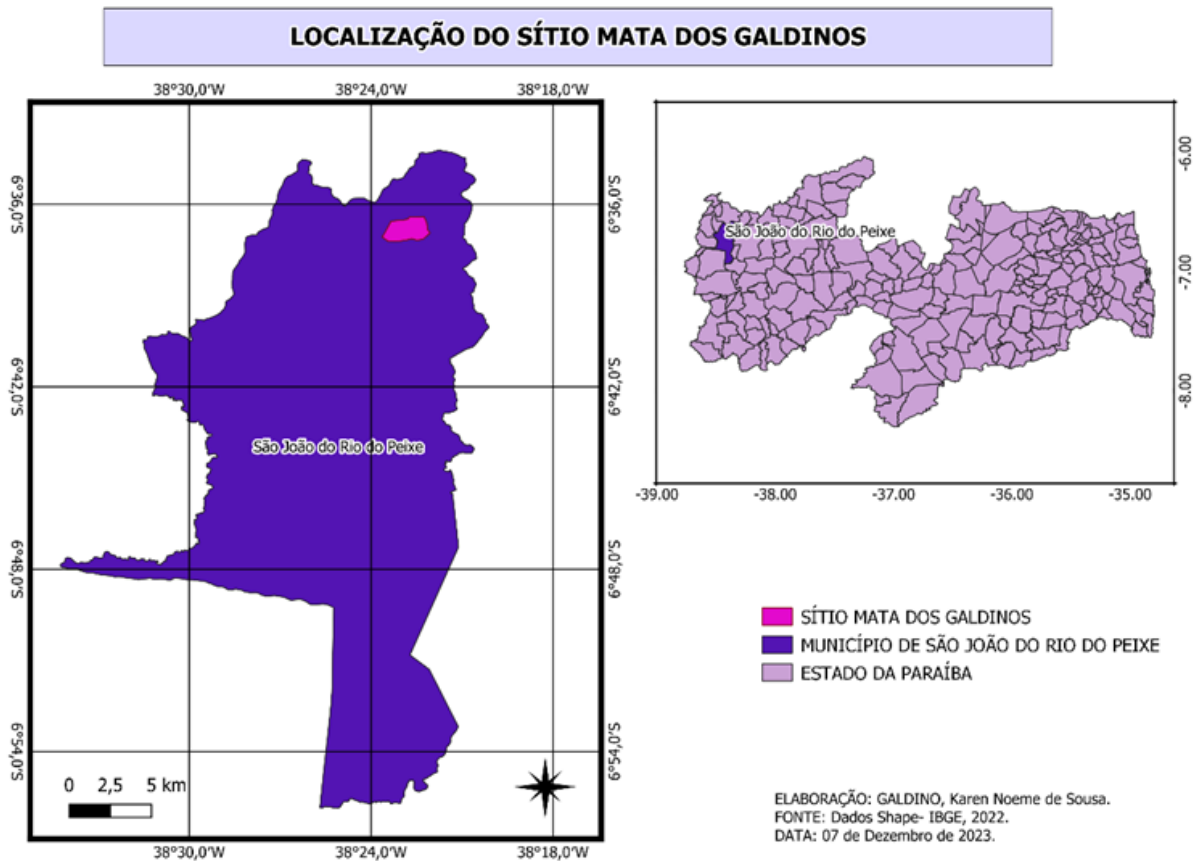
de numerosos sítios ao redor do núcleo urbano sugere uma forte dependência da Agricultura Familiar e das atividades rurais para a economia local. A pequena área destacada em vermelho no mapa representa o núcleo urbano do município de São João do Rio do Peixe. Esta área é o centro administrativo e comercial do município, onde se concentram os serviços públicos e a infraestrutura urbana.

Cada comunidade possui características de vida que contribuem para a economia dos camponeses, sendo a principal a agricultura familiar, por desempenhar menos custos para os produtores. Entre estes ainda há outras formas econômicas, tendo como exemplo as comunidades que possuem áreas de lazer, como piscinas, churrascarias e restaurantes, gerando, assim, o turismo nessas pequenas comunidades e possibilitando uma renda extra para os seus moradores. As características de implementação das atividades se caracterizam de acordo com a localidade de cada comunidade ou sítio, sendo que quanto mais próxima da cidade e dos avanços tecnológicos, maior a urbanização, ou seja, quanto mais afastada da urbanização, maior o meio de vida baseada no campo.

Entretanto, o sítio abordado no presente trabalho, sítio Mata dos Galdinos, fica a 18,5 km da cidade de São João do Rio do Peixe, conforme o Informa Brasil (n. d.). Para chegar ao pequeno sítio a partir da cidade. Inicialmente, segue-se em direção à BR-405, 13,2 km. Continua-se na PB-391 por mais 4,9 km.

O Mapa 2, apresentado a seguir, ilustra a localização do Sítio Mata dos Galdinos dentro do município de São João do Rio do Peixe. Este mapa fornece uma visão detalhada da posição geográfica do sítio em relação ao município e ao estado. O mapa principal mostra o Sítio Mata dos Galdinos dentro do contexto do município de São João do Rio do Peixe. O sítio está localizado na parte nordeste do município. O mapa menor à direita oferece uma visão do município de São João do Rio do Peixe dentro do estado da Paraíba, facilitando a compreensão da sua posição relativa no estado.

Mapa 2: Localização do Sítio Mata dos Galdinos



Fonte: Dados Shape, IBGE, 2022.

O Sítio Mata dos Galdinos está situado no nordeste do município de São João do Rio do Peixe. Esta localização geográfica pode influenciar vários aspectos, como o clima local, a topografia e as vias de acesso. Esta comunidade caracteriza-se por adotar um modo de vida camponês, empregando tanto técnicas agrícolas e de criação antigas, quanto métodos mais modernos, conforme a disponibilidade e a organização da associação dos agricultores.

De acordo com os dados levantados com o questionário, o sítio possui cerca de 180 pessoas, distribuídos entre 60 famílias, onde dessas 60 famílias, cerca de 20 famílias vivem principalmente da agricultura familiar; os fatores que levam a isso de acordo com os questionários aplicados são a falta de oportunidade, o difícil acesso à escola por falta de transporte e a necessidade de trabalhar para o sustento da família. No entanto, os jovens que têm acesso ao ensino superior deixam a comunidade, cerca de 8 jovens que tiveram acesso à educação superior hoje possuem cargos que não os trarão novamente a viver nas suas de acordo com o questionário aplicado. Das 60 famílias são registrados 12 jovens com idades entre 18 e 26 anos, cinco deles obtiveram acesso ao ensino superior, sendo desses, quatro na área de licenciatura e um na área da saúde, de maneira que os quais deixaram a comunidade assim que



puderam, para exercer suas profissões, sendo essas que poderiam ser exercidas na sua comunidade, como é o caso de Aline Souza, que atua na área da saúde, atualmente no estado da Bahia; tal trabalho poderia ser exercido no posto da comunidade, trazendo bons profissionais a esse local.

Os sete jovens que ainda permanecem na comunidade incluem seis homens e uma mulher. Nenhum deles demonstrou interesse em seguir para o ensino superior. Em vez disso, estão à procura de emprego para garantir seu sustento. Eles buscam oportunidades em áreas que não exigem diploma universitário, priorizando o ganho econômico, em vez de especialização acadêmica. Os tipos de empregos que consideram incluem atendente de caixa, pedreiro, funcionário público municipal trabalhador de roça e cuidador de gado.

Os 180 moradores do Sítio Mata dos Galdinos são descendentes dos primeiros moradores, os Galdinos, e os outros que vieram ao longo do desenvolvimento da comunidade. Podemos dizer que, atualmente, ainda há a vinda e a saída de famílias que não fazem parte das famílias consideradas “fundadoras” da comunidade.

Na entrevista feita a um dos chefes das famílias mais antigas do sítio, o senhor Francisco Pereira Barbosa, também conhecido como Chico Galdino, o mesmo relatou um pouco da história do povoamento dessa área:

Os primeiros donos da região que atualmente está presente a comunidade Mata dos Galdinos, pertenceu a José de Sousa e João de Sousa, de maneira que José de Sousa era solteiro, e João de Sousa era casado e com família, e com a morte desses primeiros proprietários, a região ficou para seus descendentes, que foram no caso José Galdino de Andrade e que era avô do nosso entrevistado Chico Galdino, e Chico Pereira do Olive, que era cunhado, assim dividindo a antiga propriedade (Barbosa, 2023).

Entretanto, também foi entrevistada uma das moradoras mais idosas, Maria Madalena Dantas Galdino, casada com o falecido José Galdino Filho, descendente dos primeiros moradores da comunidade. Ela relatou o modo de vida antigo e as dificuldades enfrentadas na criação de seus cinco filhos, incluindo o cultivo de legumes, tanto para o consumo da família quanto para a comercialização. Esse era o único meio de obter dinheiro para comprar tecido e costurar roupas, que muitas vezes eram feitas de sacos de estopa, utilizados para armazenar feijão e milho.

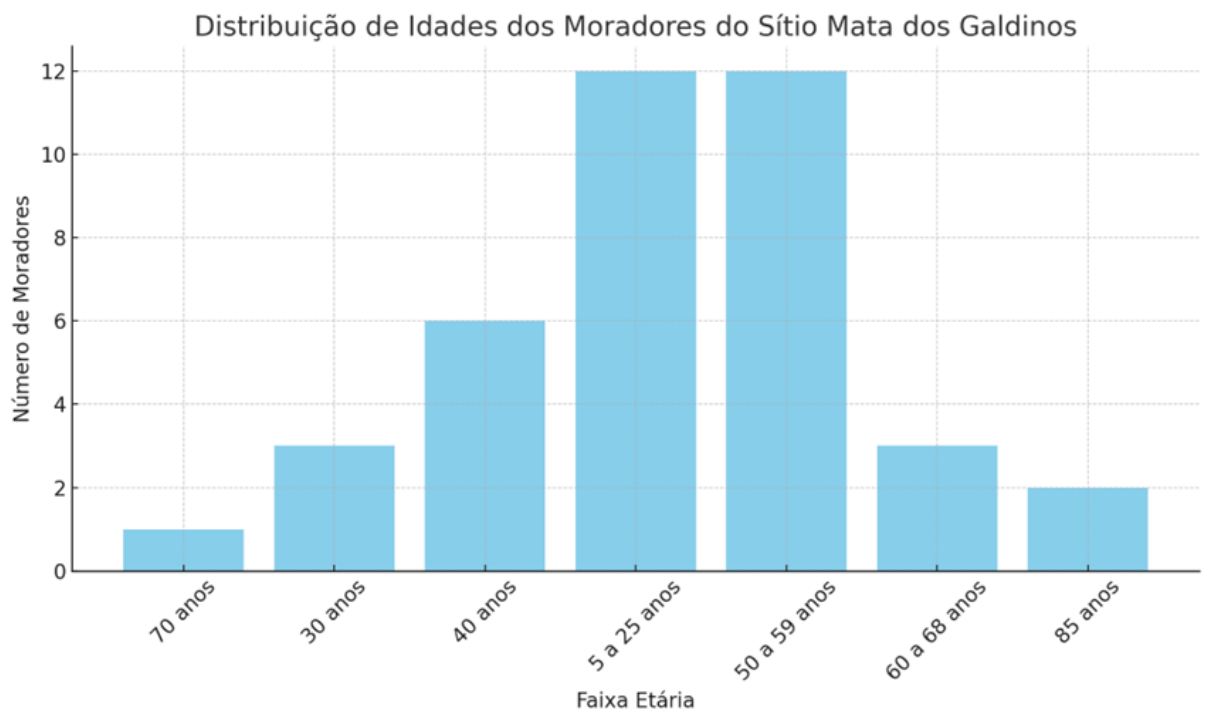
Além de relatar a origem do sítio, os entrevistados mencionam o crescimento demográfico da comunidade. Segundo os relatos do senhor Barbosa e da senhora Galdino (2023), após a chegada dos Galdinos, outras famílias passaram a se estabelecer no município, tais como os Pereiras, os Lacerdas, os Laurindos e os Esmerindos, o que resultou na criação de

áreas produtivas, como a casa de engenho. Essas áreas eram utilizadas pelos moradores para o consumo próprio, contando com a mão de obra local para sua operação.

#### 4.2. Cultivando tradições: o retrato da Agricultura Familiar no Sítio Mata dos Galdinos

Das 20 famílias entrevistadas durante esta pesquisa, 10 são compostas por pessoas de mais idade, com idades variando entre 50 e 85 anos. Como podemos ver no gráfico 1 de distribuição etária, a maioria dos moradores está nas faixas de 5 a 25 anos e 50 a 59 anos. As famílias que possuem jovens frequentemente veem esses indivíduos se mudarem para as cidades em busca de melhores oportunidades econômicas. Um exemplo é a moradora Samylli Gomes, que se mudou para a cidade de Uiraúna para trabalhar em um mercado. Apesar de não possuir ensino superior, ela encontrou no trabalho urbano uma vantagem econômica maior do que permanecer na comunidade rural.

Gráfico 1: Distribuição de idade no sítio Mata dos Galdinos



Fonte: Elaborado pela autora.

O Mapa 3 apresenta a distribuição das residências dos habitantes do Sítio Mata dos Galdinos, onde cada família fundadora é representada por uma cor e forma específica na legenda do mapa. Segundo os entrevistados mais antigos da comunidade, a primeira família a

estabelecer-se na região foram os Galdinos, seguidos pelos Laurindos, Lacerdas, Pereiras e Esmerindos.

Mapa 3: Distribuição geográfica das famílias fundadoras e seus descendentes no Sítio Mata dos Galdinos



Fonte: Shape - Google Earth, 2023.

Entre as famílias entrevistadas durante esta pesquisa, identificou-se que das 20 entrevistadas oito delas são pequenos empreendedores de produtos tirado do seu modo de vida camponês e as outras 12 famílias se mantêm praticando a Agricultura Familiar para a subsistência. Essas famílias estão representadas no Mapa 4 como pontos de comércio, tais como uma borracharia, uma confeitaria que vende bolos e salgados, um estabelecimento que comercializa casquinhas para sorvete, uma revendedora de gás, uma loja de ração animal, uma área de lazer, um local de venda de lanches e um bar.

Como a coleta de informações para essa pesquisa aconteceu por meio da aplicação de questionários e entrevistas, foi possível estabelecer uma classificação das famílias residentes no Sítio Mata dos Galdinos. Nessa classificação, identificamos dois grupos distintos: as casas fechadas e as famílias ativas na comunidade. As casas fechadas referem-se àquelas famílias que migraram para viver nas cidades, porém, mantiveram suas propriedades e suas casas, às vezes acabam por voltar para passar férias no sítio. Essa análise espacial permite uma compreensão mais clara da estrutura familiar e das dinâmicas sociais presentes no referido sítio.

No decorrer da pesquisa, identificamos que em distintas situações que envolvem a utilização de espaços coletivos ou comunitários no Sítio Mata dos Galdinos, as famílias mais antigas do sítio acabam exercendo um grande poder de influência, sobretudo nas áreas que são heranças das primeiras famílias. Um exemplo identificado durante a pesquisa é a discussão em torno do uso do açude local. Foi necessária uma reforma, que foi acordada entre os proprietários mais antigos ou, no caso de falecimento destes, entre seus filhos. O acordo envolveu o reforço das paredes e o aumento da profundidade do açude, com as despesas sendo divididas entre todos os envolvidos. Como resultado dessa reforma, o açude não secou mais, mesmo após longos períodos de estiagem enfrentados pela comunidade.

No entanto, é importante ressaltar que esse açude representa uma herança histórica para os atuais descendentes das famílias fundadoras da comunidade. Dessa forma, qualquer modificação, reformas, pescaria ou outras formas de utilização, só podem ser realizadas mediante um acordo entre todos os proprietários envolvidos. Esse exemplo evidencia não apenas questões relacionadas à gestão dos recursos naturais, mas também à importância da cooperação e do consenso entre os membros da comunidade para a tomada de decisões que afetam o seu patrimônio comum.

O sítio Mata dos Galdinos tem construções antigas, como a antiga casa de engenho, que está abandonada desde o ano de 1983. A “casa velha”, que pode ser visualizada na Imagem 1, e como é conhecida pelos moradores, era a residência dos primeiros proprietários dessa região, sendo esses os Galdinos. Como pode ser visto na imagem, a casa possui características de construções antigas, como o chão de terra batida, o assoalho de rochas e as paredes de alvenaria, e atualmente essa construção se encontra deteriorada, e não se pode mais adentrar na mesma por risco de desmoronamento.

Imagem 1: Fachada da Casa Velha



Fonte: Elaborada pela autora.

Na contemporaneidade, surgiram novas construções que passaram a compor a comunidade, incluindo o Balneário Águas Claras e o Museu do Vaqueiro, que retrata a cultura e as antiguidades locais. A Capela de Nossa Senhora da Conceição que é um novo local religioso. Em relação às novas instalações, o balneário tem um impacto significativo no turismo no sítio. Com o aumento do número de visitantes no município, os moradores perceberam a oportunidade de comercializar produtos alimentícios, utilizando o que já produzem como matéria-prima para a criação de uma fonte de renda para a família. Conforme a entrevista feita com o representante da família dos Galdinos, isso ocorre porque, apesar de produzir grande parte do que é necessário para a alimentação, os custos de vestuário e educação tendem a aumentar ao longo do tempo, sendo necessário buscar por outras fontes de renda que complementam a agricultura.

Observou-se também, como apoio a essas famílias, a implementação da associação dos agricultores, que foi fundada em 14 de novembro de 1993, com seu funcionamento até os dias de hoje, sobre a qual o senhor Francisco Pereira afirma que “atual vice-presidente e ex-presidente por mais de 15 anos, ofereceu considerável respaldo aos pequenos agricultores, promovendo diversos projetos em prol da comunidade”. Segundo o entrevistado, esses projetos incluíram programas de capacitação para criação e manejo de aves, orientação sobre práticas agrícolas sustentáveis, distribuição de sementes livres de agrotóxicos, iniciativas para construção de cisternas, entre outros que o senhor Barbosa não conseguiu recordar durante a

entrevista. Adicionalmente, foram providenciados serviços de saúde, como consultas com ginecologistas e dentistas, além de atendimento médico gratuito, visando ao bem-estar das famílias. Essas iniciativas foram cruciais para os sítios que atendia, considerando a localização remota da comunidade e suas dificuldades de acesso à área urbana.

A associação atualmente atende exclusivamente à comunidade Mata dos Galdinos. Segundo o senhor Francisco Pereira, sua atuação não é mais tão ativa quanto há cerca de quatro anos, limitando-se principalmente à disponibilização de tratores durante o período das chuvas. Essa mudança na dinâmica da associação pode ser observada na coleta de dados realizada com as 20 famílias entrevistadas.

Os dados coletados por meio dos questionários revelam que das 20 famílias entrevistadas, todas estão envolvidas em atividades agrícolas, porém apenas 12 delas dependem exclusivamente da renda proveniente da terra e criação de animais. Das 8 famílias restantes, estas têm fontes de renda adicionais, como pequenos comércios, além da agricultura. Essa é a primeira informação fundamental obtida durante a pesquisa de campo. As 12 famílias que apenas vivem da terra produzem plantio em grande escala, o qual eles mesmo caracterizam como “legumes”, que no caso são o milho e o feijão; além desses, em menor escala também são plantados melão, melancia, jerimum ou abóbora, e fava.

As técnicas agrícolas empregadas variam de acordo com cada família. Ao observar a tradição transmitida pelos pais ou ancestrais, é evidente que os descendentes das famílias como os Galdinos, os Pereiras e os Esmerindos optam por manter os costumes do modo de vida camponês e da agricultura familiar. Eles preferem empregar mão de obra familiar e utilizar técnicas mais tradicionais, realizando todo o trabalho manual, desde a preparação do solo até o plantio propriamente dito. No entanto, outras famílias, como os Laurindos e os Lacerdas, optam por adotar técnicas que envolvem o uso de tratores e o plantio por catraca, visando a uma maior praticidade e rapidez no processo. A implementação de uma associação de agricultura tornou a vida do trabalhador agrícola mais fácil, tendo em vista os projetos que eram implementados aos moradores da comunidade, tanto para o bem-estar de vida, quanto na produção agrícola.

A associação dos agricultores, há quatro anos, abrangia os sítios vizinhos, como Bandarra, Jerimum, Pedra Redonda, Cachoeira da Moça, Tranqueira e Mata dos Belos. Entretanto, entre 2019 e 2020, o desenvolvimento das demais comunidades levou à formação de suas próprias associações. Atualmente, a presidência está sob responsabilidade de Francisco Eudes, residente em um dos sítios que compõem o município de São João do Rio do Peixe, conhecido como Riachão dos Bodes. Seu vice-presidente (o senhor Francisco Pereira Barbosa) reside no Sítio Mata dos Galdinos, sendo um descendente dos primeiros moradores da

comunidade. Por muitos anos, ele presidiu essa associação, liderando projetos de grande apoio às famílias mais necessitadas do sítio, tais como construção de cisternas, distribuição de sementes, serviços de aragem de terra com trator gratuito e programas educacionais para a criação e cuidado de galinhas, entre outros.

Além de projetos ligados ao campo, foram implementados projetos de cuidado à saúde, com dentista, médicos, oftalmologista, saúde da mulher com ginecologistas, entre outros. Tais projetos geraram aproximação dos agricultores à associação que tinha por objetivo gerar a melhoria de vida, e gerar os direitos que essa população mais afastada da cidade tinha direito.

A implementação de um posto de saúde público no distrito de Bandarra, que tem prestado assistência gratuita à população, tem resultado na diminuição da associação. Dessa forma, é notório o declínio da associação devido à troca de presidente, que não busca por novos projetos de importância para a comunidade.

Com o visível abandono da associação dos agricultores do sítio, torna-se cada dia mais difícil para os agricultores familiares a falta de apoio de projetos governamentais, os quais são desconhecidos pelos agricultores simples de pequenas comunidades como essas. Outro ponto é o descaso da associação dos agricultores da comunidade, que não viabiliza projetos que desempenhem um papel importante para as famílias. Projetos como os implementados nos anos de 2008 e 2010, que envolviam a instalação de cisternas e outros programas de apoio, não são mais realizados na comunidade. Dessa forma, o suporte aos agricultores se torna deficiente quando observado de dentro da própria comunidade. Atualmente, o único meio de apoio disponível é o serviço de aragem de terra com o trator. No entanto, dependendo do ano, o trator pode ficar parado durante a maioria do período de plantio. A falta de manutenção quando o trator está inativo pode levar a defeitos quando está em uso. Além disso, períodos de chuvas acima da média podem resultar em atoleiros, inviabilizando o uso do maquinário.

Segundo Oliveira (2007), as práticas agrícolas no Semiárido Nordeste enfrentam inúmeros desafios naturais, e técnicas como as queimadas contribuem para o empobrecimento do solo e a degradação do bioma local. Além disso, a concentração de terras e a prevalência da agricultura capitalista exacerbam esses impactos ambientais, principalmente quando falamos de grandes áreas de concentração de terras como o Nordeste, onde é desenvolvida a agricultura capitalista.

Sendo assim, a relevância dessa técnica agrícola, que se tornou uma prática cultural no Nordeste, para o desenvolvimento da Agricultura Familiar local, deve ser considerada. Entre as 20 famílias aplicadas ao questionário e a entrevista cerca de 5 agricultores utilizam a técnica de queimada, também conhecida como broca<sup>1</sup>, tendo como justificativa o fato do custo baixo, já



que o trator oferecido pela associação dos agricultores não consegue atingir a grande demanda. Sendo assim, para evitar perder o período das chuvas, optam por fazer a broca e iniciar o plantio. De acordo com José Galdino explica: “aprendi com o meu pai, que aprendeu com o pai dele, primeiro limpar a roça, esperar o mato secar, e assim queimar, junta um pessoal, para não deixar o fogo espalhar, depois de uns dias é só plantar”. O relato do agricultor mostra a realidade da técnica de broca.

Entretanto, essa técnica de cultivo, que na região é conhecida como queimadas de broca<sup>1</sup>, é uma tradição cultural em pequenas comunidades rurais e vem sendo passada de geração em geração. Portanto, essas comunidades vivem e sempre viveram esse dilema, pois, além desses pontos preocupantes, no Nordeste a degradação é gerada pelos próprios agricultores, provocada pelas suas técnicas de cultivo, como as queimadas ou também camadas de brocas.

Segundo Carcará e Neto (2012, p. 86):

Sobre as queimadas, o fogo é o responsável pela limpeza necessária para queimar a sementeira e limpar o terreno. O extensionista acrescenta que, apesar das queimadas serem uma prática danosa, elas são necessárias para o pequeno agricultor, porque sem queimada não existe roça.

Dessa forma, é preciso perceber, considerando as perdas, que mediante essas serem comunidades pequenas, como o Sítio Mata dos Galdinos, e que praticam uma agricultura de subsistência, principalmente, o impacto desta técnica utilizada pela agricultura camponesa está muito distante das queimadas provocadas pelo agronegócio.

Outro desafio enfrentado pela agricultura no Semiárido Nordestino são as técnicas de irrigação na agricultura, em uma região onde não se pode contar com a água proveniente da chuva para o plantio, pois com as chuvas irregulares da região a água precisa ser armazenada e conduzida para as áreas de roça; tudo isso se tornou política de desenvolvimento para a região, a chamada “Política das Secas”.

Tudo isso se agrava na comunidade Mata dos Galdinos quando se trata de famílias camponesas que pouco têm acesso a recursos para o investimento financeiro nas técnicas de irrigação e armazenamento da água para o plantio, principalmente pela agricultura familiar, já que a maioria dessas famílias não tem acesso a recursos financeiros para o investimento. Esses desafios são enfrentados tanto pelos grandes agricultores da comunidade Mata dos Galdinos,

---

<sup>1</sup> Segundo Martins (2003), "broca" refere-se à queimada controlada de vegetação para a limpeza do solo antes do plantio. Essa técnica, apesar de tradicional, pode causar danos ao solo e ao meio ambiente devido à perda de nutrientes e à emissão de gases poluentes. (MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Contexto, 2003).



quanto como pelos pequenos, sendo de maior impacto para os pequenos agricultores familiares, que apresentam baixo índice econômico. Assim, não investem em técnicas mais sofisticadas, como a irrigação, maquinários, entre outros. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012), há um atraso tecnológico nessas áreas devido à falta de assistência técnica para os produtores rurais, que acabam ficando de fora de programas da Agricultura Familiar e do acesso direto a novas tecnologias que facilitam a produção, os quais acabam se mantendo nas técnicas tradicionais de Agricultura Familiar e sobrevivendo das atividades rurais.

O Nordeste que engloba a maioria do sertão e do Agreste nordestino, destaca-se por uma situação que despertou atenção devido ao reduzido número de estabelecimentos que receberam assistência técnica de cooperativas em todos os estados da região. Isso sugere uma tradição limitada em associativismo produtivo, de acordo com dados do censo agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006, p. 27).

Como é sabido, na agricultura é necessária a preparação do solo antes do plantio; o recurso mais utilizado na região Nordeste é o arado, que conforme o Portal Expresso (2021), o objetivo é descompactar a terra, permitindo que o oxigênio expulse o gás carbônico, misturando a matéria orgânica. Essa combinação se transforma em húmus, que auxilia no crescimento, nutrição e desenvolvimento das plantas. A aplicação dos questionários demonstra que a maioria dos moradores adere ao método de arar com trator e fazer o plantio com matraca, conforme notado na Imagem 2. Esse método é o mais rápido, uma vez que o trabalho com maquinários tende a ser mais ágil e prático, além de ser disponibilizado gratuitamente. O lado negativo da utilização de maquinário na agricultura é que esse processo tende a gerar uma degradação e a compactação do solo.

Assim, de acordo com os entrevistados da comunidade, sus solos quando ficam prejudicados, torna-se menos fértil e adicionar mais fertilizante químico não resolve, só piora seu estado. Entretanto, ainda existem famílias que utilizam o método tradicional, mesmo a preparação do terreno sendo mais “simples”, sem necessidade de utilização do arado. Porém, a “broca” é a técnica mais conhecida entre os agricultores familiares, como se vê na Imagem 3.

Imagem 2: Uso do trator na agricultura familiar



Fonte: Elaborada pela autora.

Imagem 3: Roça com técnica de queimada (broca) utilizada na Agricultura Familiar



Fonte: Elaborada pela autora.

Esse tipo de queimada afeta diretamente a fertilidade do solo, pois as cinzas são compostas dos nutrientes mineralizados dos vegetais queimados. As mesmas são ricas em nutrientes e tendem a dar a impressão de que o solo fica mais fértil. Contudo, é por tempo curto, pois quando ocorrem as primeiras chuvas as cinzas são dissolvidas, deixando o solo desprotegido e pobre, afetando também o subsolo (Oliveira, 2020).

Assim, as queimadas chamadas de “brocas”, podem gerar consequências ao meio ambiente, como a poluição do ar. Carcará e Neto (2012, p. 86) salientam que “o problema é que a queimada destrói também toda a matéria orgânica e os microrganismos que melhoram a absorção dos nutrientes e empobrece o solo, que só poderá voltar a ser utilizado novamente após cerca de dez anos”.

Outras técnicas amplamente empregadas pelos agricultores familiares do Sítio Mata dos Galdinos são observáveis durante o processo de plantio, especialmente no que concerne à manutenção da roça. Esta prática é essencial para controlar o crescimento de plantas indesejadas que surgem junto às culturas plantadas. Para tal, é imprescindível realizar a limpeza da roça regularmente, a fim de não prejudicar o desenvolvimento das plantações. Entre os métodos utilizados para essa limpeza, destaca-se o uso de tração animal, com mulas ou jegues puxando um implemento agrícola enquanto outros trabalhadores realizam o acabamento com enxadas. Dessa forma, garantem que eventuais plantas indesejadas que não tenham sido removidas não comprometam o cultivo, evitando a necessidade de passar novamente com tração animal sobre a área já trabalhada.

Segundo os moradores de três famílias fundadoras, os Galdinos, os Pereiras e os Laurindos (2023), a utilização dessas técnicas não influencia significativamente suas lavouras. Eles acreditam que o principal fator determinante para a prosperidade da colheita é a quantidade de chuvas durante o período de plantação. Quanto maiores as precipitações, mais próspera será a colheita. Os agricultores de São João do Rio do Peixe têm desenvolvido diversas estratégias para lidar com as variações climáticas, como a escolha de cultivos mais resistentes à seca e a implementação de práticas agrícolas. Além disso, programas de assistência técnica e extensão rural são essenciais para auxiliar os agricultores a se adaptarem às condições locais, garantindo a sustentabilidade da produção agrícola. Entretanto, sabe-se que na realidade é necessário um processo que vai desde o preparo correto do solo, até a seleção de sementes saudáveis para o plantio.

Com a colheita, vem a época do armazenamento; um bom armazenamento permite que esses legumes sejam utilizados futuramente. Segundo Rodrigues *et al.* (2018 p. 35):

Na região Nordeste a prática de estocagem de grãos ou sementes é bastante comum, como no caso de pequenos agricultores do sertão paraibano nas suas propriedades. Isto ocorre devido a vários fatores aos quais: preço desvalorizado do produto no momento da colheita pelo excesso de oferta, necessidade de guardar parte da produção para o consumo da família (considerando que são agricultores familiares e que praticam a agricultura de subsistência) e estocagem para utilização em novas safras.

Dentre os principais métodos de armazenamento adequado para o acondicionamento dos grãos, os mais utilizados são as garrafas plásticas e os silos metálicos. De acordo com Silva *et al.* (2021), “os agricultores familiares produtores de grãos utilizam frequentemente silos de médio e pequeno porte, que são metálicos, de alumínio ou ferro”. Os que são encontrados no Sítio Mata dos Galdinos são metálicos, de alumínio ou ferro. Os silos metálicos possuem grande capacidade, e oferecem maior qualidade, impedindo o ataque de insetos, tornando-se, assim, o mais utilizado pelos agricultores familiares, conforme visto na Imagem 4.

Outro método de conservação dessas sementes é o uso de garrafas PET, como se vê na Imagem 5. Essa se torna uma embalagem que mantém os grãos longe da ação da alta temperatura, alta umidade e demais resíduos que geram alguma perda gradativa das sementes, possibilitando sua utilização nos próximos plantios ou seu consumo durante o ano.

Imagem 4: Silos de zinco



Fonte: Elaborada pela autora.

Imagem 5: Garrafas PET



Fonte: Elaborada pela autora.

### 4.3 Além da agricultura: vidas e atividades no Sítio Mata dos Galdinos

Tendo em vista que a Agricultura Familiar não se faz presente durante todo o ano, são adotadas outras atividades que o agricultor utiliza para a sobrevivência; entre essas estão a criação e a venda de produtos de origem animal, como leite, ovos, carne, e a própria comercialização de animais.

Na comunidade Sítio Mata dos Galdinos, entre as 60 famílias presentes na comunidade, cerca de 13 famílias têm como principal comercialização o leite, que funciona da seguinte forma: um único comprador de leite cadastrado na empresa ISIS de derivados lácteos e sucos de frutas compra o leite de todos os pequenos criadores de gado, sendo esse o chefe da casa, recolhido pela manhã, feito por um único veículo, direcionando-se à empresa que se localiza na cidade de Sousa-PB. Normalmente, esse comprador paga uma pequena quantia aos agricultores, quando comparado ao da empresa, esse faz as anotações de quantos litros de leite são recolhidos diariamente e ao fim da semana se faz o pagamento para os pequenos agricultores.

Quando ocorre o reajuste do pagamento do leite, esse não é repassado para os agricultores, e quando ocorre o aumento da produção do leite, a empresa ISIS gera um limite para os seus associados, sendo que os pequenos agricultores se limitam a uma quantidade de leite, o que gera uma diminuição no seu ganho e um desperdício do produto. No entanto, quando os agricultores sabem das técnicas, conseguem produzir o queijo a partir do restante de leite, que é consumido pela própria família.

As mulheres dessa comunidade, em sua maioria, preferem o comércio de ovos e galinhas, pois essa atividade é menos laboriosa em comparação à criação de bovinos. Essa comercialização ocorre na ainda existente "bodega", um pequeno armazém que vende uma variedade de produtos e permite a compra a crédito, ou seja, o pagamento pode ser efetuado

posteriormente. Essa prática é adotada por 9 mulheres da comunidade, que veem nessa atividade uma forma de sustento mais viável e menos extenuante.

Das 20 famílias entrevistadas, 13 conseguem ter uma boa colheita, acabam investindo em animais como porcos ou ovelhas, destinados tanto ao consumo próprio quanto ao comércio. O mesmo ocorre com galinhas e vacas que, quando envelhecem e seu desempenho produtivo diminui, são em parte consumidas pelo criador e em parte vendidas localmente no sítio. Esse tipo de investimento é feito por 9 famílias da comunidade, que veem nessa prática uma maneira de diversificar e garantir renda adicional.

#### **4.4. Comercialização dos legumes**

Segundo as entrevistas realizadas durante essa pesquisa, a comercialização de legumes produzidos pela comunidade do Sítio Mata dos Galdinos é feita geralmente em uma cidade vizinha – Uiraúna –, sendo essa mais vantajosa aos pequenos agricultores, tendo em vista que é a mais próxima do Sítio Mata dos Galdinos e possui fácil acesso a vans de transporte, como vans, ao contrário do acesso à cidade de São João do Rio do Peixe, que se torna mais longe e sem acesso para os mais velhos. Desse modo, os agricultores tiram o necessário para o seu consumo durante o ano, e a semente para o próximo plantio; o restante é direcionado para o comércio ou troca de mais suprimentos, mas isso vai conforme o local de venda e do seu tempo como cliente. Dependendo do tempo de cliente que esse agricultor tem em um determinado local e do nível de amizade com o lojista, é possível trocar o valor da mercadoria em outros produtos, geralmente em comidas.

Posto isso, a falta de influência da cidade de São João do Rio do Peixe nos seus pequenos agricultores familiares gera uma revolta nas pequenas comunidades, que tendem a se deslocar para outras regiões, ao invés de buscar a sua cidade materna para suas necessidades, seja na área da saúde, do consumo alimentício ou lazer.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização das técnicas de Agricultura Familiar e o modo de vida do camponês no Sítio Mata dos Galdinos constituem pilares fundamentais para a sustentabilidade e o desenvolvimento dessa comunidade rural. Ao longo deste estudo, foi possível observar a grande importância desses elementos para a preservação da cultura local, e as técnicas mais utilizadas pelos pequenos agricultores do sítio Mata dos Galdinos e o modo de vida dos seus habitantes.

As técnicas de agricultura familiar, baseadas em práticas tradicionais e conhecimentos transmitidos de geração em geração, não apenas garantem a segurança alimentar das famílias, mas também promovem a resistência diante dos desafios ambientais e econômicos. Além disso, direcionam-se para a diversificação da produção agrícola e a valorização dos produtos locais, fortalecendo a economia da região.

O modo de vida do camponês, marcado pela proximidade com a terra, o respeito pela natureza e a valorização das relações comunitárias, é um legado cultural precioso que merece ser preservado e valorizado. Ele fornece uma conexão profunda entre as pessoas e o ambiente em que vivem, estimulando uma relação de harmonia e sustentabilidade.

Entretanto, é importante considerar os desafios enfrentados pelo Sítio Mata dos Galdinos, incluindo a migração de jovens em busca de oportunidades fora da comunidade e a consequente diminuição da população local. Nesse contexto, é fundamental implementar políticas e programas que apoiem a agricultura familiar, incentivem o retorno dos jovens à comunidade e promovam a diversificação econômica.

A utilização das técnicas de Agricultura Familiar e do modo de vida do camponês desempenham um papel essencial na construção de um futuro próspero e sustentável para o Sítio Mata dos Galdinos. Ao preservar e fortalecer esses aspectos, é possível garantir não apenas a sobrevivência material da comunidade, mas também a continuidade de sua rica herança cultural e harmonia com o meio ambiente.



## REFERÊNCIAS

- ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Texto trabalhado durante o 3º Módulo do Curso Regional de Formação Político-sindical da região Nordeste/2007.
- AMARAL, D. M. do. **Educação em Assentamento de Reforma Agrária: assentamento Bela Vista do Chibarro (Araraquara)**. 2007. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Educação e Metodologia de Ensino, 2007.
- CARCARÁ, M. S. M.; MOITA NETO, J. M. Queimadas rurais: necessidade técnica ou questão cultural? *In*: ROCHA, J. de R. de S.; BARROS, R. F. M. de; ARAÚJO, J. L. L. (Org.) **Sociobiodiversidade no meio norte brasileiro**. Teresina: EDUFPI, v. 1, 2012.
- CASTANHO, R. B.; TEIXEIRA, M. E. S. **A evolução da agricultura no mundo: da gênese até os dias atuais**. *Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium*, Ituiutaba, v. 8, n. 1, p. 136-146, jan./jun. 2017.
- CORREIA, S. C. C. **Resistência e formas de (re)criação camponesa no semiárido paraibano**. 2011. 295 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- CPRM- Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. **Diagnóstico do município de São João do Rio do Peixe, estado da Paraíba**. Organizado por João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.
- DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n. 4, p. 01-13, Sem II. 2008. ISSN 1980-7031.
- DA SILVA, A. O.; DA SILVA, A. O.; GOMES, J. A.; DE OLIVEIRA, R. C. SILVA, D.A. S.; VIÉGAS, I. J. M. Armazenamento de grãos na agricultura familiar: principais problemáticas e formas de armazenamento na região nordeste paraense. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. e36610111835-e36610111835, 2021.
- DOSSA, D. **Evolução da agricultura no Brasil: síntese**. MCA blog, Publicado 08 de ago. 2014. Disponível em: <http://www.mcagroflorestal.com.br/blog-detalle.php?codigo=113>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

EVANGELISTA, E. **Alternativas ao uso do fogo na agricultura e as etapas para planejamento de uma queimada controlada.** Clarice Rocha (MTb 4733/PE). Embrapa, Roraima, 2015. Disponível em:  
<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2471085/alternativas-ao-uso-do-fogo-naagricultura-e-as-etapas-para-planejamento-de-uma-queimada-controlada>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.

FELDENS, L. **O homem, a agricultura e a história.** Lajeado: Ed. Univates, 2018.

FRANCO JÚNIOR, H. **A Idade média: nascimento do ocidente.** 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001. Disponível em:  
<https://rhistoriadora.files.wordpress.com/2015/04/hilario-franco-jr-a-idade-media-pdf.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em:  
[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia\\_artigos/pesquisa-social.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa-social.pdf). Acesso em: 01 nov. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2006.** Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em:  
[/https://ftp.ibge.gov.br/Censo\\_Agropecuario/Censo\\_Agropecuario\\_2006/Segunda\\_Apuracao/censoagro20062apuracao.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Censo_Agropecuario/Censo_Agropecuario_2006/Segunda_Apuracao/censoagro20062apuracao.pdf). Acesso em: 27 de janeiro de 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São João do Rio do Peixe: produto interno bruto dos municípios, 2020.** Disponível em:  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sao-joao-do-rio-do-peixe/pesquisa/38/46996>. Acesso em: 21 ago. 2023.

IBGE. **Datum: Sirgas 2000,** outubro de 2023. ABREU, J. D. P. Base cartodados. Cartonomia/UNAGEO/CFP.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2006,** [2009]. 775 p.

IBGE, Dados Shape - IBGE, 2022. 07 de dezembro de 2023. GALDINO, Karen Noeme de Sousa. Base cartodados. Cartonomia/UNAGEO/CFP.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **A agricultura no nordeste brasileiro: oportunidades e limitações ao desenvolvimento.** Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro, novembro de 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em:  
[https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india). Acesso em: 17 de setembro de 2023.

LIMA, A. F.; DE ASSIS SILVA, E. G.; DE FREITAS IWATA, B. Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura. **Retratos de Assentamentos**, v. 22, n. 1, p. 50-68, 2019.

LOPES FILHO, F. **Diagnostico do Semi-árido nordestino**. EMBRAPA-CPATSA, 1995.

OLIVEIRA, A. U. de. **Geografia da agropecuária**. São Paulo: Contexto, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. *In*: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 8 ed. São Paulo: EPU, 2004. cap. 3, p. 25-44.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **Histórias das agriculturas no mundo. Do neolítico à crise contemporânea**. Universidad Estatal Paulista (UNESP), 2010.

MEDEIROS, Felipe Lima de; PRADO, Luiz Carlos Delorme. A Teoria Protoindustrial: origem, desenvolvimento e atualidade. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 49, p. 131-161, 2019.

OLIVEIRA, C. **Saiba as consequências das queimadas no solo e os impactos para a agricultura**. Aaego - Av. Osvaldo Aranha, 1022 – salas 1107, 1108 e 1109 – Bom Fim, Porto Alegre – RS. 23 de outubro de 2020.

PEDROZA, M. Senhorios, capitanias e sesmarias em disputa: reinterpretando algumas teses sobre a apropriação territorial na colonização da América portuguesa (1375-1677). **Revista de História Comparada** - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ - ISSN:1981. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 08-44, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada>. Acesso em: 22 ago. 2023.

PORTAL, Expresso. Centrais de Abastecimento de Goiás S/A. GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. **Conheça algumas técnicas de preparo do solo**. Publicado: 26 fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.ceasa.go.gov.br/noticias/984-conhe%C3%A7a-algumas-t%C3%A9cnicas-de-preparo-do-solo.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A reinvenção dos territórios na América Latina/Abya Yala: conceitos y fenómenos fundamentales de nuestros tiempos**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 2012.

REIFSCHNEIDER, F. J. B. HENZ, G. P. RAGASSI, C. F. DOS ANJOS, U. G. FERRAZ, R. M. **Novos ângulos da história da agricultura no Brasil**. 2 ed. Brasília, DF: Embrapa, 2012.

RODRIGUES, M. H. B. S.; SOUSA, V. F. de O.; SANTOS, G. L. dos; NOBREGA, E. P. de; ANDRADE, F. E. de. Armazenamento de grãos em pequenas propriedades de São Francisco, Paraíba, Brasil. **Colloquium Agrariae**, v. 14, n.2, Abr-Jun. 2018, p. 35-47. DOI: 10.5747/ca. 2018. v14.n2.a204.

RUFINO, J. de A.; ODETE, M. A.; FÁTIMA, M. de V. Agricultura familiar no Nordeste do Brasil: um retrato atualizado a partir dos dados do censo agropecuário, 2017. **REN. Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 51, suplemento especial, agosto, 2020.

SANTOS, A. F. dos; JESUS, G. G. de; BATTISTI, I. K. **Entrevista semi-estruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa.** XXIX Seminário de Iniciação Científica – Salão do Conhecimento-UNIJUÍ, 2021. A transversalidade da ciência, tecnologia e inovação para o planeta. 26 a 27 de outubro, UJUÍ, Santa Rosa, Pernambuco-2021

SHANIN, T. Lições camponesas. **Campesinato e territórios em disputa.** São Paulo: Expressão popular, 2008.

SILVA, A. P. da; PECHE, A. F.; NUNES, A. L. Pit; RALSCH, R. **Impactos ambientais e efeitos na saúde do solo: Como a mecanização agrícola afeta a fertilidade do solo.** 1 - Universidade Estadual de Londrina, Depto. Agronomia 2 - Instituto Agronômico de Campinas, 3-Total Biotecnologia - Biotrop. Artigo originalmente publicado na Revista Máquinas & Inovações Agrícolas - Ed. 58, Jul/Ago. 2020.

SILVA, S. E. V da. **A agricultura familiar no Brasil e as transformações no campo no início do século XXI.** 2010. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=A+agricultura+familiar+no+Brasil+e+as+transforma%C3%A7%C3%B5es+no+campo+no+in%C3%ADcio+do+s%C3%A9culo+XXI.+&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+agricultura+familiar+no+Brasil+e+as+transforma%C3%A7%C3%B5es+no+campo+no+in%C3%ADcio+do+s%C3%A9culo+XXI.+&btnG=)

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83/2021.

TEIXEIRA, R. A. Capital e colonização: a constituição da periferia do sistema capitalista mundial. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 36, p. 539-591, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. Bases Teórico-Methodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Idéias Gerais Para a Elaboração de um Projeto de Pesquisa. **Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis.** Vol IV. Nov. 2001. 2 ed. Porto Alegre. Faculdades Integradas Ritter dos Reis. 2001.

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos sociedade e agricultura**, 2003.

### APÊNDICE A – Questionário (Agricultores)

NOME:

IDADE:

DATA:    /    /

1. Quantas pessoas moram na casa?
2. Todas trabalham no campo (roça)?
3. Os filhos também trabalham na roça em algum período?
4. Você é dono de suas terras?
5. Qual a técnica que você utiliza hoje? Há quanto tempo está utilizando essa técnica?
6. Em que ela consiste?
7. Com quem aprendeu essa técnica?

8. Já estudou? Até que ano?
9. Quando estudava, já viu algum tema que abordasse a agricultura e suas técnicas de plantio, ou algo relacionado?
10. O trabalho na agricultura foi passado de geração?
11. Qual o tamanho da área plantada?
12. O que planta?
13. E quanto tem colhido?
14. Você planta para consumo próprio (subsistência)?
15. A colheita tem diminuído ou aumentado em relação ao uso de outras técnicas?
16. Em relação aos anos anteriores as colheitas têm aumentado ou diminuído?
17. A renda adquirida na feira/vendas consegue suprir os custos de suas necessidades e da família?
18. Além da agricultura, tem algum ganho econômico? Por que investir nesse?
19. O lucro é instável todos os meses?
20. Todos da família trabalham?